

Imersões artísticas em paisagens sonoras rurais: relatos de experiência acústica, filosófica e de encontro com a Educação Ambiental

Inmersiones artísticas en paisajes sonoros rurales: relatos de acústica, filosófica y encuentros con la Educación Ambiental

Artistic immersions in rural soundscapes: reports of acoustic, philosophical and encounters with Environmental Education

Dr. Elder dos Santos Oliveira Junior¹
Ma. Ana Karolina Flores Bibiano²

Resumo

Os estudos sobre paisagem sonora vêm sendo discutidos em diferentes áreas do conhecimento e estabelecem um ambiente multidisciplinar, tanto no universo artístico quanto no de pesquisa. Pretende-se aqui estabelecer um espaço multidisciplinar do pensamento que relaciona arte, filosofia e meio ambiente à comunidade rural, tendo os entornos escolares como centro da discussão. Relacionar, ainda, as práticas estéticas como principais elementos de encontro com novas possibilidades criativas, científicas e educativas. Neste caso, pretende-se apresentar o *soundwalking* como uma possibilidade de fruição no ambiente; como uma potente ferramenta de construção de saberes e experiências. Logo, associa-se essa prática às leituras de Jorge Larrosa sobre experiência, apontando como esta prática estética se volta às realidades acústicas locais. Discute-se a eminente necessidade de formarmos *sujeitos de experiência*, sensíveis e engajados com seu entorno, principalmente ao seu mundo acústico. Apresenta-se, por fim, os processos criativos e de escuta vividos na paisagem rural, vinculados às experiências acústicas, filosóficas e artísticas que estiveram estreitamente conectados à Educação Ambiental.

Palavras-Chave: Educação Ambiental; Paisagem sonora; Prática Estética; Processos Criativos; Soundwalking.

Resumen

Los estudios sobre paisaje sonoro son discutidos en diferentes áreas del conocimiento y establecen un campo multidisciplinar, tanto en el mundo artístico como en el de la investigación. La intención, aquí, es establecer un espacio de pensamiento multidisciplinario que relacione el arte, la filosofía y el medio ambiente con la comunidad rural, teniendo al medio escolar en el centro de la discusión. También buscamos relacionar las prácticas estéticas entendidas como principales elementos de encuentro con nuevas posibilidades creativas, científicas y educativas. En este caso, se pretende presentar el "paseo sonoro" (*soundwalking*) como una posibilidad de frucción del entorno; como una poderosa herramienta para la construcción de conocimientos y experiencias. Luego, esta práctica se

¹ Doutor em Música; Universidade de Aveiro, Portugal. Pós-doutor em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; contact@elderoliveira.com.

² Mestranda em Educação em Ciências; Universidade Federal do Rio Grande; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; karolinabibiano@gmail.com.

asocia con las lecturas de Jorge Larrosa sobre la experiencia, señalando cómo esta práctica estética se dirige a las realidades acústicas locales. Se discute la eminente necesidad de formar sujetos de experiencia, sensibles y comprometidos con su entorno, especialmente con su entorno acústico. Finalmente, presenta los procesos creativos y de escucha vividos en el paisaje rural, vinculados a las experiencias acústicas, filosóficas y artísticas que estuvieron estrechamente vinculadas a la Educación Ambiental.

Palabras clave: Educación Ambiental; Paisaje sonoro; Práctica estética; Procesos creativos; Soundwalking; Paseo Sonoro

Abstract

Soundscape studies are discussed in different areas of knowledge and establish a multidisciplinary field, both in the artistic world and in the research world. The intention here is to establish a space for multidisciplinary thought that relates art, philosophy and the environment with the rural community, keeping the school environment at the center of the discussion. We also seek to relate aesthetic practices understood as the main elements of encounter with new creative, scientific and educational possibilities. In this case, it is intended to present the "sound walk" (soundwalking) as a possibility of fruition of the environment; as a powerful tool for the construction of knowledge and experiences. This practice is then associated with Jorge Larrosa's readings of the experience, pointing out how this aesthetic practice addresses local acoustic realities. The eminent need to train subjects of experience, sensitive and committed to their environment, especially their acoustic environment, is discussed. Finally, it presents the creative and listening processes lived in the rural landscape, linked to the acoustic, philosophical and artistic experiences that were closely linked to Environmental Education.

Keywords: Environmental Education; soundscape; aesthetic practice; creative processes; soundwalking; sound walk

1. Introdução

Nos últimos anos temos nos dedicado a problematização de algumas questões que se voltam a arte e à Educação Ambiental, apoiando-nos na filosofia e nas práticas artísticas em espaços abertos. Quando se fala em Educação Ambiental, percebemos que há uma série de discursos aos quais somos recorrentemente e inconscientemente envolvidos, tanto no ambiente acadêmico quanto fora dele. Livros didáticos, livros literários, músicas, gibis, noticiários de televisão, algumas produções audiovisuais, dentre outros artefatos que sugerem uma forma de se pensar a Educação Ambiental como a solução aos problemas ambientais, principalmente a partir da conscientização do modo "(...) como devemos lidar com a natureza" (PINHO JUNIOR, HENNING e VIEIRA, 2020, p. 791).

Enquanto pesquisadores do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF-FURG), temos espaço para pensar uma Educação Ambiental a partir de práticas artísticas, imersões em paisagens sonoras e nos estudos de artefatos culturais, atendo-nos às práticas artísticas e na imersão nas paisagens sonoras. Especificamente, deparamo-nos com momentos de experiência que convidam pessoas com diferentes interesses a adentrar no mundo acústico, sem fronteiras ou barreiras.

Neste texto colocamos em evidência a relação dos indivíduos com o seu mundo acústico – realidade invisível e que se desdobra incessantemente de forma a envolver a quem se dedica a essa experiência sensorial. Apresentamos a caminhada atenta à escuta (*i.e. soundwalking*) como um elemento de fruição e de exploração de novos saberes, que pode ser acolhido como uma prática comum no ensino escolar regular.

Utilizando dispositivos de gravação e registro visual, que nos deram suporte para a escuta de sonoridades e visualização de formas características de localidades distintas na Ilha dos Marinheiros e no Povo Novo, ambas em Rio Grande, refletimos acerca de como criar interações entre a forma de pensar a arte e a paisagem nos espaços educativos a partir de sua realidade acústica. Verificamos a importância estética e metodológica do caminhar enquanto componente de leitura e de escrita das experiências acústicas, além de todo o suporte que viabiliza experiências simples e orgânicas do ser humano na paisagem. Desse modo, subdividimos este artigo em três momentos: 1. O conceito de experiência e sujeitos de experiência; 2. A deambulação: proposta metodológica; e 3. Principais enlaces entre arte e Educação Ambiental com foco na experiência acústica.

2. O conceito de Experiência: queremos sujeitos de experiência.

Os escritores Jorge Larrosa e Walter Kohan (2014) na apresentação do livro *Tremores* nos dizem que “A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. Digamos com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido” (LARROSA e KOHAN, 2014, s/n). Enquanto sujeitos de experiência, buscamos por acontecimentos que transformem, pois experiência é

“(…) algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço” (LARROSA, 2014, p.10).

Sujeitar-se à experiência é ser vulnerável e correr o risco do novo, o risco de ser transformado, de se expor e de ser tocado. Somente o sujeito da experiência é o responsável por se permitir estar aberto à sua própria transformação.

Desse modo, o sujeito que se encontra fechado ao novo, decidindo e definindo todos seus passos, tendo todos os seus objetivos previstos terá dificuldades em se submeter a novas

experiências, por indeterminações que ocasionalmente possam lhe atravessar, pois “(...) o sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido” (LARROSA, 2014, p.28). Como bem define Ana Godoy (2008) em seu livro *A menor das ecologias*, há momentos em que se torna necessário atravessar por horizontes brumosos. Sim, pelo novo e para o novo há uma enorme relevância em inventar pensamentos, em ser errante, em deambular.

A experiência a qual nos submetemos revelou as peculiaridades de diferentes espaços rurais. Essa experiência estética revelou que, “Quanto maior o tempo que o artista se propõe a observar o espaço e suas idiossincrasias, mais consciente estará o artista perante suas transformações” (OLIVEIRA, 2019, p.32). Desse modo, entendemos que a experiência acústica aqui abordada possa contribuir para a construção novas formas de integrar espaços, sensibilizando pessoas, afetos e culturas, desvelando novos pensamentos, relacionando arte e meio ambiente.

3. Deambular para registrar a paisagem: proposta metodológica.

Nos últimos 10 anos temos nos deparado com uma série de possibilidades artísticas e metodológicas que são potencializadas pela prática da caminhada atenta à escuta. Ultimamente nos atentamos principalmente às paisagens sonoras rurais e nas experiências as quais nelas são possíveis. Pesquisas de caráter qualitativo que se debruçam nas peculiaridades que podem ser observadas nas proximidades da escola rural, como o inconfundível silêncio rural, onde o trânsito de automóveis é escasso; sons de animais domésticos e de pássaros a muitos metros de distância e que são ouvidos nos entornos escolares; som dos animais durante a montaria, assim como toda uma comunicação pertencente ao mundo rural que o assina e que esculpe afetos que de alguma forma interferem nas práticas artísticas e pedagógicas do lugar.

Neste momento, apresentamos o *soundwalking* como uma possibilidade de fruição no ambiente. Percebemos que a caminhada interessada nas diferentes escutas, sem trajetos predefinidos é uma ferramenta potente para a construção de saberes e experiências. Associamos essas atividades musicais, essa prática artística que envolve caminhar, ouvir, improvisar e gravar às leituras de Jorge Larrosa, sendo atravessados por esta prática estética que se inclina às realidades acústicas, construindo e dando movimento aos saberes locais, insistindo no desemparedamento, no viver artístico que resiste ao viver disciplinar.

Caminhamos a fim de nos aproximarmos das novas visualidades, novos contornos, sensações e escutas – novos pensamentos. Aceitamos a errância enquanto parte do processo criativo – o que foi um desafio. A deambulação, processo de experimentação ao qual expusemos nossos corpos, apresentou-se com uma potência criadora e pôs a arte enquanto ferramenta de confronto. Para Deleuze, “(...) emerge a luta da vida contra aquilo que a ameaça, isto é, contra o que faz a vida medíocre e ressentida, pacificada e domesticada” (GODOY apud DELEUZE, 2008, p. 84). Nas indeterminações da deambulação na vida encontramos nossas relações com a natureza, com o humano, com os sons e com as ecologias. Com a arte confrontamos e problematizamos o que permanece imóvel. Indicamos novas necessidades, também provocando

(...) rachaduras em que as espécies, os gêneros e os lugares têm seus contornos desfeitos, constituindo linhas vivas, fluxos e modos de expressão que propiciam a produção de modos de existência singulares, existências únicas (...) (GODOY, 2008, p.85).



Figura 1: Soundwalking: Deambulação na paisagem sonora da Ilha dos Marinheiros. Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. Março de 2018. Acervo do autor.

Insistimos em mencionar as vivências no mundo rural de Martin Heidegger (1933). Inspiramo-nos ao modo como ele desfruta do laboro camponês, integrando-o como parte de seu processo criativo e filosófico; como seu momento de fissura, de rompimento com os ritmos e normativas postos pela comunidade citadina. Por que não registrar nossas vivências na paisagem sonora rural? Que afetos carregaremos conosco dessa experiência? Que afetos deixaremos para a comunidade rural? Que importâncias acústicas são sublinhadas nesse modo de existir?



Figura 2: Registro sonoro e visual dos entornos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª. Luiza Sophia Schmidt Tavares. Comunidade do Barro Vermelho, localidade rural do Povo Novo. Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. Abril de 2020. Acervo do autor.

Além de alimentar todas essas dúvidas, o espaço rural apresentou-se como um grande laboratório de explorações a partir do momento em que caminhamos, ligamos os gravadores portáteis e deambulamos. Não houveram maiores predefinições. Fiamos-nos ao que Francesco Careri (2017) menciona: “A exploração não necessita de metas, mas de tempo a ser perdido” (CARERI, 2017, p. 107). A predefinição dos caminhos metodológicos para ouvir essa paisagem da escola do campo pode parecer tentador ao pesquisador. Entretanto, caminhar apenas ouvindo o ambiente (*i.e. soundwalking*) sem restrições, escrevendo novos percursos a partir da errância da deambulação, do encontro com novas perspectivas e possibilidades tornaram a experiência acústica mais intensa e visceral, primando pela escuta no tempo rural, ao mesmo tempo em que se rompe com a velocidade das cidades que tanto nos fixam e nos exigem, ensurdecendo-nos frente nossas próprias necessidades.

Ouvimos, pensamos, registramos e criamos. O pensar, o criar durante o caminhar e a composição musical sempre aconteceram conjuntamente com o meio ambiente. Vivemos experiências que foram incapazes de delinear ao certo os sujeitos participantes; fomos subjetivados em deambulações que nos lançaram ao confronto e ao desconforto. Em diferentes momentos encontramos tanto escolas esvaziadas por uma pandemia quanto paisagens devastadas pelo plantio de espécies vegetais estrangeiras (e depois pelo seu extermínio). Na errância do deambular deparamo-nos com novos enlaces entre Arte e Educação Ambiental,

direcionando nossas atenções ao que havia de mais silencioso e potente: um ser humano sensível e criador frente aos seus entornos acústicos.

4. Enlaces entre Arte e Educação Ambiental: um foco no que há de menor.

A qualidade acústica do meio ambiente vem sendo discutida e enfatizada por diferentes autores que problematizam o ruído, o desmatamento, o aquecimento global ou demais interferências humanas nos espaços naturais, também na Educação Ambiental. Deambulamos, paramos, e voltamos a caminhar. Realizamos intervenções artísticas que nos transformaram, alterando também nossa percepção da vida acústica vivenciada. Distanciamos-nos da intenção de qualificar e classificar espaços para aproximarmos-nos de uma educação ambiental menor (GODOY, 2008), esta que vem para inflamar a estabilidade, nutrindo o pensamento inquieto, ativo e que brota do presente. Que o problematiza.

A partir de Sílvio Gallo (2002) nos deparamos com a chamada educação menor. Ou seja:

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância (GALLO, 2002, p. 173).

Ao darmos ênfase aos entornos escolares rurais, confrontamos com todo um maquinário ruidoso que se sobrepõe às vozes do mundo rural. Sílvio Gallo (2002) indica que, se existem educações produzidas por macropolíticas, em gabinetes, a educação menor, ao contrário, está posicionada na micropolítica, nas salas de aula, nas ações cotidianas individuais. Dizemos que educação não é o que se experiencia nas cidades – ultrapassa e vai além. Tensionamos os ritmos, as normalizações para darmos atenção ao que há de singular, ao que há de menor. Observamos a partir desse pensamento as possibilidades de relacionarmos arte e educação ambiental para produzir algo menor, singular a partir do mundo acústico.

Relacionar os processos artísticos à Educação Ambiental faz nascer outros tensionamentos, pois

(...) a Educação Ambiental é tomada como um importante campo de saber que contribui para orientar, definir, apresentar modos de vida condizentes com o tempo

em que vivemos. Ela é um campo necessário para criar estratégias de intervenção frente ao risco do colapso planetário (HENNING, 2019, p.377).

Somos a todo momento atravessados por imagens de noticiários. Somos responsabilizados enquanto espécie pela devastação do meio ambiente. Procuramos outras formas de enxergar a crise ambiental e de confrontá-la. Agarramo-nos ao processo artístico, que nos faz desprender da realidade dura e posta para o encontro com uma tela em branco – pronta para a deambulação. Cecília Salles (2011) em seu livro *Gesto Inacabado: processo de criação artística* nos lança ao que de fato entendemos na relação entre arte e meio ambiente. Para Salles,

“O objeto artístico durante sua criação, se desprende da realidade externa à obra que é dissolvida na arte de dominá-la e fazer dela realidade artística. O artista é um captador de detritos da experiência, de retalhos da realidade. Há, por um lado, a superação das linhas da superfície desses retalhos externos ao mundo da criação; não se pode, porém, negar que haja afinidades secretas entre as realidades externa e interna à obra” (SALLES, 2011, p. 102)

Discutir experiência acústica em paisagens sonoras rurais salienta nossas inquietações sobre o que se fala sobre paisagem sonora. Singularidades na experiência oportunizam múltiplos caminhos de encontro com o novo, desviando-nos de caminhos de rebanho. Deambulamos fisicamente nas paisagens rurais, mas também sobre outros pensamentos que nos transformaram ao longo do caminho. Fissuras vão surgindo e pondo-nos em movimento frente às reflexões que na paisagem sonora se originaram. A partir da arte fomos capazes “(...) de inventar conexões onde estas não existem; ela transborda os modelos e desorganiza a função do contorno, fluidifica as figuras, transformando-os em linhas soltas (...)” (GODOY, 2008, p.86).

O registro sonoro da paisagem revelou os lugares os quais percorremos e que, por sua vez, ainda não haviam sido descobertos: sons menores e descontínuos foram encontrados ao continuarmos o processo criativo revisitando lugares. A partir desse recurso criativo criamos um ambiente fértil para além das caminhadas e que contribuiu para a composição musical em estúdio. Reencontramos materiais que foram gravados nessas digressões e, a partir da experiência acústica na paisagem sonora, nessa efervescência de ideias, partilhamos nossa

experiência também a partir da composição da obra *Silent Whistle*, de Elder Oliveira³. A partir da criatividade do compositor ouvimos tanto a comunidade rural da Ilha dos Marinheiros quanto do Barro Vermelho (Povo Novo), ambas em Rio Grande, Rio Grande do Sul. Encontramo-nos com momentos que sugeriam a imensidão, o inacabamento e o retorno. Como Elder Oliveira (2019) menciona em sua tese doutoral, necessitamos de regulares revisitações às paisagens para oportunizar múltiplos olhares que interessam ao processo criativo.

Reconhecemos que a paisagem sonora “(...) se apresenta como um ambiente desvinculado aos modos tradicionais de escuta” (OLIVEIRA, 2019, p.41), como algo potente que continuamente nos contextualiza quando deparados com o que há de incerto no processo criativo. Reconhecemo-nos a partir da paisagem sonora vivenciada. Como diz Salles (2011), reconhecemo-nos diante de um espelho construído por nós mesmos. Por meio deste espelho entendemos que as “(...) múltiplas compreensões da experiência do indivíduo e dos coletivos sociais em suas relações com o ambiente” (CARVALHO, 2004, p. 79) possam ser mediadas por práticas artísticas que fruem na ética e nas singularidades dos espaços e dos indivíduos. Certamente, os momentos de experiência artística, acústica e de conhecimento de si mesmo põem em movimento o que está “(...) dado, formado, calculado, provado e previsível” (GODOY, 2008, p. 75), reinventando modos de existência e criando territórios.

5. Conclusões

Neste artigo apresentamos nosso interesse nas relações existentes entre arte, ambiente e educação. Apresentamos o conceito de experiência e sujeitos de experiência a partir de Jorge Larrosa, tendo a deambulação enquanto nossa proposta metodológica para enlaçar processos artísticos numa Educação Ambiental menor, que se atenta as singularidades acústicas existentes nas comunidades rurais. Encontramos espaços potentes para o pensamento e para a criação. Ao mesmo tempo, fomos confrontados por esses espaços que, de certa forma, derrubaram e lançaram-nos a novos saberes que nos satisfizeram por seu inacabamento. A partir dos processos artísticos apresentados produzimos outros reais possíveis, que conversam com as incertezas do mundo rural e que relatam nossas experiências com o intuito de “(...) fazer saltar essa faísca do pensamento friccionando-se as palavras de cada um com as palavras dos outros

³ <https://www.rtve.es/play/audios/la-casa-del-sonido/compositoras-musica-contemporanea-ii-16-11-2021/6209119/>

e, ao mesmo tempo, as palavras com as coisas, com o mundo, com o que vemos e com o que sentimos” (LARROSA, 2002, p. 168), adentrando ao desconhecido, no horizonte brumoso e na inquietação a qual novas experiências fazem despertar.

Referências

CARERI, Francesco. *WALKSCAPES: o caminhar como prática estética*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013.

CARVALHO, Isabel. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. Editora Cortez, 2004.

GALLO, Sílvio. *Em torno de uma educação menor*. Educação e Realidade. V. 27(2), p. 169-178. Jul/dez. 2002.

GODOY, Ana. *A menor das ecologias*. Universidade de São Paulo. Edusp. 2008.

HEIDDEGGER, Martin. *Schöpferische Landschaft: Warum bleiben wir in der Provinz?* Gesamtausgabe, v. 13. 2. ed. Frankfurt am Main: Klostermann, 2002. (Primeira publicação em 1933).

HENNING, Paula. *Educação Ambiental: o silêncio como potência criadora*. In: HENNING, Paula e SILVA, Gisele Ruiz. *Educação e Filosofia: fissuras no pensamento com Nietzsche, Foucault, Deleuze e outros malditos*. Modo de acesso: <http://repositório.furg.br>. ISBN 978-65-5754-092-3. Editora da FURG, 2021.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. 1ª impressão. Editora Autêntica, 2014.

OLIVEIRA, Elder. *Registo, composição e vinculação de instalação sonora para um espaço específico através da revisitação*. Tese de doutoramento. Universidade de Aveiro. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/27527>.

SALLES, Cecília. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 5ª edição revista e ampliada. Editora Intermeios, 2011.